

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL ENTRE OS IMIGRANTES ALEMÃES NO SUL DO BRASIL: O CASO DA FAMÍLIA SCHMITT

Rodrigo Trespach
Acadêmico do curso de História da UNIASSELVI (SC)
E-mail: rodrigo.trespach@gmail.com

RESUMO: O presente artigo analisa a imigração alemã sob a ótica da história oral no caso específico da colônia de Três Forquilhas, localizada no sul do Brasil e fundada em 1826. Nosso objetivo é compreender como uma família de imigrantes alemães narrou suas histórias e como elas foram repassadas aos seus descendentes. Essa narrativa pode ser relativizada a partir do confronto das suas informações com outros documentos. Nesse trabalho utilizaremos um documento escrito produzido algumas gerações após os eventos históricos narrados.

Palavras-chave: Memória; História Oral; imigrantes alemães.

ABSTRACT: The present article analyzes the German immigration from the perspective of Oral History on the specific case of Três Forquilhas colony, which is located on southern Brazil and was founded in 1826. Our objective is to understand how a German immigrant family narrated their story and how it was transmitted to generations to come. This account could be relativized from the confrontation of its information with other documents. In this work we are going to use a written document that was produced a few generations after the historical facts narrated.

Keywords: Memory; Oral History; German immigrants.

Supor que certo tipo de comportamento faz sentido segundo certas suposições não é o mesmo que alegar que é sensato, isto é, racionalmente justificável. O maior perigo desse procedimento – e ao qual sucumbiu grande número de antropólogos de campo – consiste em considerar todos os tipos de comportamento como igualmente ‘racionais’. Ora, apenas parte deles é.

Eric Hobsbawm

As questões relativas à memória e suas imbricações com a história são relativamente recentes. A própria noção de documento histórico só foi ampliada no último meio século, sendo considerado como *documento histórico*, segundo Le Goff (1996:540), o documento escrito, transmitido pelo som,

pela imagem, ou qualquer outra forma. As reflexões sobre memória e história oral, enquanto documento, devem muito à escola francesa de Marc Bloch, Michael Pollak, Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff e outros. Mas é inegável a contribuição dos diversos núcleos de pesquisadores oralistas espalhados pela Inglaterra, Estados Unidos e no Brasil, principalmente o NEHO-USP, nas últimas duas décadas. No entanto, ainda há no meio acadêmico receio quanto à utilização da oralidade como documento. Isso se deve, sobretudo, em função dos debates acerca das técnicas, metodologias e ética de pesquisa.

MEMÓRIAS E RELATOS ORAIS

O relato oral está ligado à memória e às suas formas de produzir e recordar lembranças de fatos do passado. O historiador inglês Alistair Thomson escreveu que,

ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais (1997:57)

Ao comparar suas entrevistas sobre a lenda dos Anzacs, um grupo de ex-combatentes australianos sobreviventes da Primeira Guerra Mundial, em duas épocas distintas, Thomson conseguiu demonstrar que “a investigação e a análise das histórias e silêncios do testemunho oral podem revelar, de forma ampla, a natureza e os significados da experiência e as maneiras como reatualizamos nossas reminiscências sobre o passado durante nossa vida” (THOMSON, 1997:67).

É necessário considerar que a memória do indivíduo está imbricada com a memória do coletivo. Para Maurice Halbwachs (1990), assim como para Ecléa Bosi (1994), o trabalho da memória efetiva-se a partir de um movimento articulador entre referências individuais e sociais. Para o historiador francês Michael Pollak (1992:200-212), a memória deve ser entendida, sobretudo como um fenômeno coletivo e social construído coletivamente e submetido às flutuações, transformações e mudanças constantes.

Essa flexibilidade permite que o indivíduo seja capaz de lembrar eventos coletivos, ou vivências de outros, como se fizessem parte de sua própria experiência pessoal. É importante considerar que essa busca na memória coletiva para a reconstrução do passado também está associada à impossibilidade humana de reter todas as experiências vividas. Conforme Edison Saturnino resumiu,

o trabalho da memória constitui-se pelos atos de lembrar e esquecer a um só tempo. A lógica da memória encontra o seu correlato na configuração do esquecimento, justamente pelo fato de que a conservação e evocação da totalidade de nosso passado inviabilizariam novas ações e experiências no presente (2005:112).

Assim, esquecemos determinados eventos de nossas vidas justamente para que outros possam tornar-se proeminentes, e também para que novas experiências possam ser vivenciadas e integradas às aventuras de nosso pensamento. Dessa forma, tornamos a memória um agente seletivo, passivo de nossas intenções e desejos nem sempre declarados. Para Pollak, a construção da memória está sempre associada a três fatores determinantes: acontecimentos, personagens e lugares. Eles podem ser conhecidos direta ou indiretamente, estar relacionados a fatos concretos, ou se tratar da projeção ou identificação com outros eventos.

Já dissemos que existe por parte de alguns historiadores receio quanto à utilização da oralidade como documento, principalmente devido às discussões acerca das técnicas, metodologias e ética na transcrição das entrevistas. É preciso ressaltar aqui, antes de qualquer coisa, que o texto de nossa análise não foi uma entrevista realizada com as técnicas e métodos utilizados por historiadores modernos. Nesse caso específico, o relato oral foi registrado por indivíduos que estavam interessados na preservação da identidade de um grupo – uma colônia de descendentes de imigrantes alemães – e que tiveram a preocupação de criar uma fonte histórica, ela mesma sujeita às flutuações e transformações do entrevistador/historiador/escritor.

RELATOS ORAIS E O IMIGRANTE ALEMÃO DO SUL DO BRASIL

A memória do imigrante alemão do século XIX, na colônia de Três Forquilhas, que fica distante 200 km da capital do estado, no litoral norte do Rio Grande do Sul, só foi escrita na segunda metade do século XX, após a Segunda Grande Guerra Mundial. Três Forquilhas foi a segunda colônia alemã criada na região sul do Brasil, mas, ao contrário das colônias do Vale dos Sinos e do Vale do Caí, nunca atingiu uma situação econômica próspera permanecendo, de certa forma, isolada do restante dos centros de cultura alemã.

Com exceção dos relatórios oficiais, realizado por pastores, pelo governo imperial ou mesmo por viajantes, na colônia de Três Forquilhas não há nenhuma carta, diário ou qualquer documento pessoal dos primeiros imigrantes chegados em 1826. Nem mesmo uma narrativa cronológica apareceu antes da década de 1950. Entretanto, uma crônica não publicada escrita pelo Pastor Augusto Ernesto

Kunert entre 1949 e 1953, foi a primeira tentativa de apresentar um histórico da colônia. A *Chronik der Evangelischen Gemeinde von Tres Forquilhas*^{*}, de Kunert, é baseada, como quase todas às que se seguiram, nas suas observações ao ter contato com a população durante o trabalho pastoral.

Em nosso trabalho utilizaremos como exemplo da História Oral da colônia os relatos orais transmitidos pela família Schmitt, uma das mais importantes no cenário político da região. O primeiro a escrever sobre a família Schmitt foi o pastor luterano Ernesto Fischer, que atendeu a paróquia evangélica^{**} de Três Forquilhas entre os anos de 1959 e 1969. Fischer escreveu, sob o pseudônimo de Piscator, no *Jahrweiser* de 1966 (p.51-57), uma crônica intitulada “Erinnerungen aus dem Anfang der Kolonie Tres Forquilhas” (Lembrança dos primórdios da Colônia de Três Forquilhas). Trata-se de uma narrativa com poucos dados precisos, produzida com informações de relatos baseados na tradição oral que circulava entre os colonos, netos de imigrantes, na década de 1960 em Itati e Três Forquilhas, região que compreendia a área da antiga colônia. Fischer ainda escreveu no *Jahrweiser* de 1974 (p.51-57), desta vez com seu nome verdadeiro, o texto “Ein Altes Kirchenbuch”, com informações sobre o antigo livro da igreja evangélica por ele recuperado.^{***}

No artigo de 1966, sob pseudônimo de Piscator, Fischer transcreveu uma suposta carta de Philipp Peter Schmitt, imigrante de 1826, endereçado ao seu irmão na Alemanha. A carta tinha por finalidade arranjar um casamento para a filha de Philipp, Barbara Schmitt, com seu primo Wilhelm Schmitt. Eis um trecho da suposta carta:

Wir haben immer darauf geachtet, dass unsere Kinder nicht zum gewöhnlichen Volk kommen. In Brasilien, wo wir jetzt Tres Forquilhas-Tal wohnen, gibt es wenige Leute von guten Blut. Unsere Barbara ist jetzt in heiratsfähig Sie kriegt zwei Kolonielose, das sind vierhundert Morgen Land, auch das Haus und Geschäft soll sie erben. Lieber Bruder, ich habe es mir recht bedacht, schicke

^{*} *Chronik der Evangelischen Gemeinde von Tres Forquilhas* (Crônica da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas). Texto manuscrito mantido pelo pastor entre 1949 e 1953. Arquivo da Comunidade Evangélica do Vale das Três Forquilhas – IECLB, Itati, RS. Kunert foi o primeiro pastor luterano nascido e formado no Brasil a prestar assistência à colônia de Três Forquilhas. O Pastor Schreiner, o predecessor de Kunert, foi preso em 1942, e a comunidade evangélica ficou até 1949 sem assistência pastoral.

^{**} O termo *evangélico* aqui deve ser entendido como sinônimo de *protestante*, ou seja, ligado às correntes religiosas oriundas da Reforma Protestante desencadeada por Martin Luther, em 1517, e sem qualquer ligação com o usual, e atual, termo *evangélico* associado às igrejas pentecostais surgidas principalmente durante o século XX. Na colônia de Três Forquilhas reuniram-se em torno do Pastor Carl Leopold Voges (1801-1893) colonos ligados às duas correntes protestantes: os luteranos e os calvinistas ou reformados. Só após a criação do Sínodo Rio-Grandense, em 1886, é que a colônia ligou-se oficialmente a uma corrente de orientação luterana.

^{***} *Ein Altes Kirchenbuch* (Um antigo livro [de registros] de igreja). Os livros de igreja da colônia de Três Forquilhas, escritos em língua alemã, foram parcialmente destruídos em 1942 durante a Segunda Guerra Mundial. O livro de casamentos, entre os anos de 1826 e 1850, e o de óbitos, entre os anos de 1826 e 1890, foram incinerados pelo delegado local Tácito Fernandes.

Deinen Sohn Konrad, übers Wasser. Ich möchte ihm das alles abgeben, und dann noch die Hochzeit mit der Barbara richten (PISCATOR, 1966:56).

[Uma tradução livre: Nós sempre cuidamos para que os nossos filhos não participem de famílias insignificantes. No Vale do Três Forquilhas, no Brasil, onde nós agora moramos, existem poucas pessoas de bom sangue. A nossa Barbara está em idade de casar. Ela receberá duas colônias de herança, isto é, em torno de quatrocentos Morgen [ca. de 100 hectares] de terras, e herdará a casa e também a venda. Querido irmão, eu refleti sobre isso, manda teu filho Konrad através do Oceano. Eu gostaria de passar tudo isso para ele, assim como cuidar das despesas do casamento].

E Piscator segue com o relato:

Als Wilhelm den Brief bekam – er war er auch schon ein alter Mann –, rief er seinen Bub Konrad. Es war doch einer schöner Junge gross, blondharig und blauäugig. So sagt ihm: Der Ältest bekommt unsere Haus. Es ist nicht gut, wenn Du immer bei ihm bleibst. Ich tät Dir raten: gehe nach Brasilien und tu Deine Base ehelichen. Wir schreiben gleich nach Hamburg an den Schiffsmakler, damit er Dir einen Platz freihält (PISCATOR, 1966:56).

[Uma tradução livre: Quando Wilhelm recebeu a carta ele também já era de idade, então logo chamou o seu filho Konrad. Tratava-se de um jovem bonito, grande, loiro e de olhos azuis. E Wilhelm disse para o filho: o [teu irmão] mais velho herdará nossa casa, não é bom que você fique aqui para morar sempre com ele. Quero, portanto, te dar um conselho: vá para o Brasil e case com a tua prima [Barbara]. Escreverei para a Empresa de Navegação de Hamburgo e farei a reserva da passagem para você].

O sucessor de Fischer na paróquia foi o pastor Elio Eugenio Müller. Esse pastor também escreveu sobre os Schmitt, de quem sua esposa é descendente, em dois livros sobre a colônia de Três Forquilhas publicados em 1992 e 1993. A obra de Müller também é baseada na tradição oral da colônia. Ao realizar sua pesquisa na década de 1970, tal qual Fischer, Müller teve contato com bisnetos, e até com netos, de alguns imigrantes chegados em 1826. Entre os seus principais colaboradores estava o escrivão municipal Alberto Schmitt (1886-1971), neto do imigrante Wilhelm Schmitt. Mais criterioso do que Fischer o então jovem pastor comparou os dados da tradição oral com a documentação que vinha sido levantada por historiadores, principalmente Carlos Henrique Hunsche. Ao problematizar as informações que ainda circulavam na antiga colônia, Müller corrigiu erros de Fischer como, por exemplo, quando informou ser na verdade Konrad o imigrante de 1853, e não Wilhelm Schmitt como sustentava Fischer. Contudo, Müller repassou a história do casamento entre primos e da nobreza prussiana:

Comandante Schmitt [Philipp Peter Schmitt] costumava apresentar-se como membro da nobreza prussiana. Ele não admitia que suas filhas pudessem vir a casar com algum simples colono. Preocupado em manter seu sobrenome, mandou vir da Alemanha seu sobrinho Guilherme Schmitt para casar com sua filha mais jovem Bárbara. [...] a tradição oral transmitiu que Guilherme Schmitt fora oficial do exército Imperial da Prússia, entrando em Três Forquilhas por volta de 1855 para atender ao pedido do tio, casando com a prima-irmã Bárbara em 1856 (MÜLLER, 1992:60).

Havia então três fatos marcantes na história dos Schmitt que chamaram a atenção tanto de Fischer quanto de Müller: o casamento entre primos; o fato de um membro da família ter pertencido ao oficialato prussiano; e questão da suposta ascendência nobre. O primeiro passo para entendermos a história dos Schmitt e como se processou na memória dessa família foi encontrar dados sobre o imigrante no Brasil. O segundo foi encontrar informações de seus ancestrais na Alemanha. Só assim conseguimos juntar uma base documental suficiente para compreender o que havia relatado a história oral.

Philipp Peter Schmitt, o “Comandante Schmitt”, chegou a São Leopoldo em 15 de janeiro de 1826 como lavrador evangélico. Realizou a viagem Rio de Janeiro-Porto Alegre no bergantim *Carolina*, o barco costeiro “rondado pela fome e pela morte”, em que figurava como chefe de família número 27. Com ele estavam esposa Elisabeth G. Justin e os três filhos Christoph, Elisabeth e Appolonia. Havia ainda o pequeno Valentin, que não consta nos registros de chegada de imigrantes porque veio a falecer logo após a chegada*. Após se estabelecer na colônia o casal teve ainda mais três filhas: Maria Madalena, Bárbara e Felipina Rosina. Por sua vez, Wilhelm Schmitt chegou solteiro à São Leopoldo em 6 de setembro de 1853. Conforme o registro de chegada de imigrantes (C-333: 239), como sapateiro. Segundo Müller, como Oficial do Império da Prússia (MÜLLER, 1992:60).

Entre 1851 e 1852 o Império Brasileiro contratou cerca de 2 mil alemães, a maioria da região do Schleswig-Holstein, para a Guerra contra Oribe e Rosas (Argentina e Uruguai), no extremo sul do país. Após o fim da guerra uma boa parte deste contingente, que foi chamado no Brasil de “Brummer”, foi destinado à colônia alemã de São Leopoldo. Alguns migraram para Três Forquilhas,

* O C-333, Registro Geral dos colonos chegados à São Leopoldo entre 1824-1853, de Johannes Daniel Hillebrand, foi escrito algum tempo depois da chegada dos imigrantes. É provável que Hillebrand, ao escrever o documento, não tenha mencionado Valentin Schmitt porque o mesmo havia falecido em 21.02.1826 (DREHER, 2004, reg. n. 28), pouco mais de um mês após a família ter chegado à São Leopoldo, ou mesmo por omissão da família. Sobre o costeiro *Carolina*, Hunsche refere-se ao barco como “rondado pela fome e pela morte” (HUNSCHE, 1977:252) devido aos maus tratos sofridos pelos imigrantes, pois dezenas morreram durante a viagem ou logo após a chegada à São Leopoldo. Foi um caso único na imigração alemã no sul do Brasil.

como Christian Tietböhl, Ludwig Stahlbaum e Friedrich Dicksen entre outros (MÜLLER, 1996:94-99). Wilhelm Schmitt chegou ao Rio Grande do Sul e à Três Forquilhas na mesma época, no entanto não há documentos provando que ele tenha vindo ao Brasil junto com os “Brummer”, e que fosse de fato um oficial do Exército Prussiano. Em verdade o registro de chegada de imigrantes (o C-333) informa que os 36 colonos vindos de Bremen na escuna *Tell* “vieram de sua própria vontade procurar estabelecer-se no país”.

Inicialmente poder-se-ia pensar que a história oral havia cometido um erro ao informar que o Schmitt pertencente à “nobreza prussiana” fosse então Wilhelm Schmitt (o imigrante de 1853) e não Philipp Peter Schmitt (o imigrante de 1826). Porém, o pesquisador Marcos Antônio Witt encontrou um documento de 1834 em que Philipp Peter Schmitt, ainda antes da chegada do sobrinho, já se apresenta como “Dom Fellipe Pedro Xemite” (2008:89), prova do “sentimento de superioridade” que movia os Schmitt e fora relatado já nos trabalhos de Fischer (1966) e Müller (1992 e 1993).

Pouco se sabia dos Schmitt na Alemanha, salvo a indicação pouco precisa de que eram do Hessen-Darmstadt. Os dados sobre os filhos dos imigrantes nascidos no Brasil eram conhecidos graças aos livros da igreja evangélica da colônia. O acervo do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, disponibilizou informações sobre como esses imigrantes chegaram ao estado. Restava encontrar dados na Alemanha que ajudassem a esclarecer o que a história oral havia contado. Só em 2007, com a divulgação de um trabalho que realizamos em parceria com o pesquisador alemão Gerd Braun em um simpósio sobre a imigração em D. Pedro de Alcântara, foi possível juntar dados suficientes para uma análise sobre as memórias da família (TRESPACH, 2010b:53-57). Os dados são deveras esclarecedores*.

Philipp Peter Schmitt nasceu em 5 de dezembro de 1797 em Bornheim, próximo a Alzey, no Rheinland-Pfalz. Filho de Christoph Schmitt (1758-1828) e sua segunda mulher Johanna Magdalena Barth (?-1814). Philipp Peter era 11 anos mais novo que o irmão Johann Konrad Schmitt, para quem supostamente escreveu a carta na década de 1850. Johann Konrad, nascido em 5 de junho de 1786, era filho de Christoph Schmitt e sua primeira esposa Maria Catharina Schmahl (?-1795). Ou seja, os irmãos Schmitt, que teriam arranjado o casamento entre os filhos, eram na verdade meio-irmãos. E Wilhelm Schmitt, o noivo arranjado de Barbara, nasceu em Bornheim em 17 de outubro de 1822.

* A transcrição paleográfica dos documentos do *Archiv der Verbandsgemeinde Alzey-Land* foram realizados por Gerd Braun, de Heimersheim, e gentilmente cedidos para apresentação e publicação no Brasil. O artigo que apresentamos em 2007 com os dados de Braun foi publicado em nosso livro (2010) e igualmente nos anais do V Simpósio de Imigração e Colonização Alemã no Litoral Norte/RS (2010).

Filho de Johann Konrad Schmitt (1786-1861) e Sibila Christina Halberstadt (1785-1846). E um dado importante é que Wilhelm era o oitavo filho de Konrad, sendo que todos os anteriores eram mulheres, com exceção de dois meninos que não chegaram à idade adulta. Os dois filhos homens do imigrante Philipp Peter Schmitt também faleceram ainda jovens, e ele próprio faleceu no Brasil em 1855. O irmão que permaneceu na Alemanha, Johann Konrad Schmitt, faleceu em 1861. Wilhelm Schmitt, o imigrante de 1853, faleceu em alguma data antes de 1887.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADIÇÃO ORAL DOS SCHMITT

Os dados genealógicos da família são importantes, pois esclarecem dúvidas quanto à profissão dos Schmitt na Alemanha e a confirmação de que Wilhelm era o único responsável pela manutenção do sobrenome Schmitt tanto na Alemanha quanto no Brasil (a *Stammhaus*). Dessa forma, se explica a importância dada ao seu casamento com Barbara, sendo ele agora herdeiro dos bens da família. Confirma também que Fischer provavelmente nunca teve acesso a carta enviada por Philipp ao irmão na Alemanha, já que o autor trocou os nomes (Wilhelm por Konrad, que na verdade era o nome do irmão para quem Philipp escrevia), o que seria inadmissível se ele tivesse oportunidade de ler a carta. Não há nos registros da administração da cidade de Alzey, ou nos registros da igreja evangélica, qualquer indicação de nobreza. Em três gerações anteriores a emigração os Schmitt são mencionados como lavradores* ou sapateiros** (TRESPACH, 2010a:55). As famílias com ligações de parentesco aos Schmitt na Alemanha (Barth, Halberstadt e Schmahl) são igualmente lavradores, simples camponeses. A única família que poderia angariar para si um *status* maior que a de simples camponês era a família Justin, também emigrada para o Brasil, que tinha na Alemanha forte ligação com a Igreja Reformada. Entre os Justin havia um *Kichenältester**, colocação na sociedade aldeã com maior notoriedade que a de lavrador ou sapateiro. E mesmo assim, tanto o imigrante Valentin Justin quanto a irmã Elisabetha Gertruda Justin, esposa de Philipp Peter Schmitt, eram filhos do segundo casamento de Johann Wilhelm Justin, ou seja, de acordo com a tradição na Alemanha sem nenhum direito sobre a herdade paterna, que caberia ao primogênito do primeiro matrimônio. Como provam os registros

* Ackermann. Standesregister Trauungen Bornhein. Reg. Blatt 2 de 02.08.1819. Archiv der Verbandsgemeinde Alzey-Land, Alzey.

** Schuhmacher. Standesregister Sterbefälle Bornhein. Reg. Blatt 5 de 17.10.1822. Archiv der Verbandsgemeinde Alzey-Land, Alzey. Ver TRESPACH (2010a:55).

*** *Kichenältester* é o nome dado a um membro da aldeia nomeado para o conselho paroquial, normalmente um ancião quer será o representante da igreja local.

em Alzey, a quase totalidade dos que emigraram desta região eram filhos sem herdade, ou seja, não primogênitos (WILLEMS, 1941 e WOORTMANN, 1995) **.

A pesquisadora Ellen Woortmann (1995:130), em uma análise sobre como os colonos e os genealogistas trabalham suas memórias e árvores genealógicas de maneiras distintas, considerou que os últimos tendem a reconstruir suas origens na Alemanha, onde “o objetivo dessa elite é legitimar uma nova situação de classe, de 'novos ricos', através de uma antiga situação de status”. Dada à boa situação econômica de Philipp Peter Schmitt (WITT, 2008:90 et. seq.) *** após alguns anos no Brasil, podemos supor que tal esforço para legitimar uma nova situação na esfera social fosse seu principal objetivo, e a utilização do “Dom” antes do nome fosse apenas mais uma artimanha para consolidar tal projeto. Algo semelhante ao que os genealogistas fazem nos dias de hoje, ao a reconstruir um passado glorioso para seus ancestrais na Alemanha, mesmo que seus antepassados fossem simples camponeses que emigraram devido à enorme miséria em que viviam.

O fato de Wilhelm Schmitt ter chegado ao Rio Grande do Sul no momento em que desembarcavam também vários soldados prussianos, fez com que os Schmitt se apropriassem de histórias coletivas na colônia de Três Forquilhas para compor a memória da família. O que nos remete ao que relatou Pollak sobre a memória ser um fenômeno coletivo e social, submetido a transformações constantes, permitindo que um determinado indivíduo possa lembrar-se de eventos de outros como se fosse parte da própria experiência. Se recordarmos Thomson, os Schmitt, ao transmitir oralmente suas histórias, estavam repassando aos demais aquilo que gostariam de ser, criando a ideia de que realmente pertenciam a nobreza e legitimando o *status* social que tinham adquirido no Brasil.

O exemplo da história oral da família Schmitt ilustra a ideia da pesquisadora brasileira Janaína Amado, quando escreve que a dimensão simbólica dos relatos orais “não lança luz diretamente aos fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm” (AMADO, 1995:135).

*Identificamos seis famílias emigradas para o Brasil da localidade de Heimersheim/Alzey, próximo a Bornheim e localidade de origem da esposa de Philipp Peter Schmitt, onde os emigrantes não eram primogênitos, ou seja, eram excluídos da herdade paterna. No caso das famílias oriundas dessa área cabe ressaltar que muitas viviam em completo estado de miséria. A mãe do imigrante Borger, por exemplo, acabou morrendo em uma casa para mendigos após a emigração do filho (ver: TRESPACH, 2010a:30).

**Uma análise da situação econômica de Schmitt está na tese de doutorado de Marcos Witt, que situou esta família entre os “exponenciais” da colônia. O inventário do imigrante, no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, informa que ele era proprietário de uma considerável quantidade de terras, uma casa de moradia, engenho, um escravo e uma soma em dinheiro.

As tradições orais das colônias alemãs assim como as memórias dos imigrantes, principalmente do século XIX, podem se utilizadas por historiadores como fontes de informação, desde que tratadas como qualquer outro documento histórico sendo submetidas a contraprovas e análises.

Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína. “O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral”. In: *História* (Fundação para o desenvolvimento da UNESP). São Paulo, 1995.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DREHER, Martin. (org.). *Livros de registros da comunidade evangélica de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil (século XIX)*. 3.^a ed. São Leopoldo: Unisinos, 2004. 1 CD-ROM.

FISCHER, Augusto Ernesto. Ein Altes Kirchenbuch. In: *Jahrweiser für die evangelischen Gemeinden in Brasilien*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1974.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, T. (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.

_____. “A outra história – algumas reflexões”. In: KRANT, Frederick. (org.). *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 18-33.

HUNSCHE, Carlos Henrique. *O ano de 1826 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Metrópole, 1977.

KUNERT, Augusto Ernesto. *Chronik der Evangelischen Gemeinde von Tres Forquilhas*. Texto manuscrito mantido pelo pastor entre 1949 e 1953. Arquivo da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas – IECLB, Itati.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora Unicamp, 1996.

MÜLLER, Elio Eugenio. *Três Forquilhas (1826-1899): 1.^a fase, a formação da Colônia*. Curitiba: Editora Fonte, 1992.

_____. *Três Forquilhas (1900-1949): 2.^a fase, do Império à República*. Curitiba: Italprint Gráfica Editora Ltda, 1993.

_____. Militares prussianos (Brummer) que contribuíram para o desenvolvimento da colônia de Três Forquilhas. IN: ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Véra Lucia Maciel. (orgs.). *Vale do Três Forquilhas: Imigração Alemã*. Porto Alegre: EST, 1996, p. 94 a 99.

PISCATOR [FISCHER]. Erinnerungen aus dem Anfang der Kolonie Três Forquilhas. *Jahrweiser für die evangelischen Gemeinden in Brasilien*. 38. Jahrgang. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1966.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio“. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. “Memória e Identidade Social“. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROSA, Gilson Justino. *Imigrantes alemães 1824-1853: (Código C-333)*. Porto Alegre: EST, 2005.

SATURNINO, Edison Luiz. *Imagem, memória e educação: Um estudo sobre os modos de ver e lembrar*. 2005. 269 f. Dissertação (Mestre em Educação) – Programação de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias“. In: *Projeto História*. São Paulo. n. 15, abril/1997.

TRESPACH, Rodrigo. *Borger, Justin, Schmitt e outras famílias de origem germânica*. Florianópolis: Secco, 2010.

_____. De Heimersheim/Alzey para o Litoral Norte Gaúcho: Borger e Justin e seus ancestrais na Alemanha. IN: HUYER, Nilza Ely (org.). *Dom Pedro de Alcântara: marcas do tempo: 181 anos de Imigração Alemã 1826-2007*. Porto Alegre: EST Edições, 2010, p. 152 a 160.

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres: Colonos do Sul e Sítiantes do Nordeste*. São Paulo/Brasília: Hucitec/Edunb, 1995.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao Sol: Estratégias políticas. Imigração Alemã - Rio Grande do Sul - Século XIX*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

Manuscritos

B-1.21, Avisos de Governo, AHRS, Porto Alegre, RS, Brasil;

C-333. - Códice de chegada de imigrantes alemães entre 1824 e 1853. AHRS, Porto Alegre, RS, Brasil;

KUNERT, Augusto Ernesto. *Chronik der Evangelischen Gemeinde von Tres Forquilhas. Handschrift verwahrt durch den Pfarrer zwischen 1949 und 1953*. Acervo da IECLB, Comunidade Evangélica do Vale do Três Forquilhas, Itati, RS, Brasil;

Livros (nascimentos, casamentos e óbitos) de registros civis de Bornheim, na Renânia-Palatinado, entre 1798-1875. Acervo do Archiv der Verbandsgemeinde Alzey-Land, Alzey, Renânia-Palatinado, Alemanha.

Livros (batismo, casamento e óbitos) de Igreja Reformada de Bermersheim e Lonsheim, entre 1723-1798. Acervo do Archiv des Evangelischen Pfarramtes Bornheim, Renânia-Palatinado, Alemanha.

Arquivos

Archiv der Verbandsgemeinde Alzey-Land, Alzey, Renânia-Palatinado, Alemanha.

Archiv des Evangelischen Pfarramtes Bornheim, Renânia-Palatinado, Alemanha.

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, AHRS, Porto Alegre, RS, Brasil.

Arquivo Histórico da IECLB, São Leopoldo, RS, Brasil.